

# *Focalizando a Morfologia Improdutiva: Um Estudo sobre Siglas*

Kátia ABREU

(UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Lingüística)

**Resumo:** O presente artigo analisa a morfologia de siglas no português brasileiro contemporâneo sob a ótica da produtividade. Ele parte da análise feita por Sandmann (1988) e lhe dá seguimento com o estudo sobre produtividade elaborado por Aronoff & Anshen (1998) e, mais especialmente, com a proposta de Basílio (1980) de analisar a produtividade em dois tipos de regras distintas: as regras de formação de palavras e as regras de análise estrutural. Ao analisar as propostas presentes em estudos sobre a produtividade, verifica-se que esses estudos visam a um tipo de morfologia que focaliza fenômenos que podem ser descritos por regras. A sigla foge do cânone morfológico por não ter raiz, sufixo e /ou prefixo e porque não se pode prever a sigla que surgirá de certo intitutivo. A formação de siglas é intencional, o que caracteriza o processo como improdutivo. Desse modo, a formação de siglas constitui um caso de morfologia improdutiva no português do Brasil.

**Palavras-chave:** siglas e acrônimos; formação de palavras; produtividade lexical; morfologia; português do Brasil.

**Abstract:** The present article analyses the morphology of acronyms in contemporary Brazilian Portuguese under the productivity point of view. Its analysis is based on Sandmann (1988) as well as on Aronoff & Anshen's (1988) study about productivity, and, more specifically, on Basílio's (1980) proposal of analyzing productivity according to two kinds of distinct rules – word formation rules and structural analysis rules. When analyzing the present proposals of productivity studies, one sees that those studies aim at a kind of morphology which focuses phenomena which can be rule-described. Acronyms do not meet the morphological criteria since they do not have a root, a suffix or a prefix, and also because it is not possible to predict the acronym which will come out from a title. Acronym formation is intentional, which

characterizes the process as unproductive. This way, acronym formation is an instance of unproductive morphology in Brazilian Portuguese

**Keywords:** acronyms; word formation; lexical productivity; morphology; Brazilian Portuguese.

**Resumen:** El presente artículo analiza la morfología de siglas en el portugués contemporáneo bajo la óptica de la productividad. Este parte del análisis hecho por Sandmann (1988) y da continuidad al estudio sobre productividad elaborado por Aronoff y Anshen (1998) y, más especialmente, la propuesta de Basílio (1980) de analizar la productividad en dos tipos de reglas distintas, las reglas de formación de palabras y las reglas de análisis estructural. Al analizar las propuestas presentes en estudios sobre la productividad se verifica que tales estudios se proponen un tipo de morfología que focaliza fenómenos que pueden ser descritos mediante reglas. La sigla huye del canon morfológico porque no tiene raíz, sufijo y/o prefijo y porque no puede prever la sigla que surgirá de cierto título. La formación de siglas es intencional, hecho que caracteriza el proceso como improductivo. De ese modo, la formación de siglas constituye un caso de morfología improductiva en el portugués de Brasil.

**Palabras clave:** siglas y acrónimos; formación de palabras; productividad lexical; morfología; portugués de Brasil.

### Introdução

Este artigo focaliza o processo de formação de siglas no português do Brasil, pela perspectiva da morfologia. Neste trabalho, considera-se *sigla*<sup>1</sup> ou *acrônimo* o conjunto de letras, sílabas iniciais ou partes de sílabas de um intitutivo que forma um novo nome, cujo gênero é o da primeira palavra do intitutivo de origem, como exemplificado em (1).

<sup>1</sup> Não utilizaremos aqui a distinção entre *sigla*, um caso especial de abreviatura em que intitutivos ou locuções substantivas são reduzidos às suas letras ou sílabas iniciais, e *acrônimo*, um vocábulo formado pela reunião de letras, geralmente iniciais, de um intitutivo ou de uma expressão, porque o termo *acrônimo* pareceu muitas vezes sinônimo de *sigla*, já que ambas as definições apresentam um consenso quanto ao fato de tanto a *sigla* quanto o *acrônimo* se formarem pelas iniciais de uma locução. Cabe notar que há divergências nessas

- (1) a UTI – a ‘*Unidade de Tratamento Intensivo*’  
o HU – o ‘*Hospital Universitário*’

O termo *intitutivo*, que é recorrente neste trabalho, refere-se ao sintagma que denomina um ser, previamente à sigla. Assim, em (1) acima, o intitutivo para *UTI* é *Unidade de Tratamento Intensivo*.

Ao discutir a estrutura das siglas, a questão teórica central é a noção de produtividade e de como ela seria formalizada em termos de regras de formação de palavras.

O artigo está organizado do seguinte modo: a primeira seção apresenta os estudos teóricos, o *corpus* e a justificativa do *corpus*. A seção seguinte mostra a tipologia das siglas. A terceira seção procura mostrar que as regras de formação de palavras e as regras de análise de estrutura não dão conta das siglas. Na quarta parte, as conclusões.

## 1 Materiais e Métodos

O problema central que este trabalho focaliza é a produtividade. A produtividade lexical pode ser definida essencialmente como a medida em que um dado afixo é usado na produção de novas palavras na língua que são, por conseguinte, formações morfológicas complexas (ARONOFF; ANSHEN, 1998, p. 242). O dispositivo teórico que expressa a produtividade são as Regras de Formação de Palavras (RFPs).

De acordo com Aronoff & Anshen (1998, p. 242), uma RFP expressa a produtividade de um processo na medida em que indica que uma determinada base receberia um afixo e não outro, com restrições por conta: (a) de a regra só se aplicar a um tipo de base

---

definições, visto que dicionários como *Aurélio* e *Michaelis* definem sigla a partir do conceito de abreviatura, mas o dicionário *Houaiss*, por exemplo, apresenta a definição de sigla a partir do conceito de redução. Verifica-se ainda que os dicionários *Caldas Aulete* e *Michaelis* não registram o termo acrônimo, que tem lugar somente nos dicionários *Aurélio* e *Houaiss*. Percebe-se, dessa forma, que nem todos concordam que os termos sejam sinônimos, e ainda, nem todos registram os dois termos.

Também serão consideradas siglas um tipo pouco comum de formação que se forma a partir das iniciais de radicais de um composto. No entanto, o único exemplo encontrado foi *tv*e, por essa razão, este artigo não focaliza tais casos.

específico; (b) de o resultado da nova formação ter o significado previsto pelo falante; e (c) de ocorrer o fenômeno do *bloqueio* — definido como “a não ocorrência de uma forma devido à simples existência de outra” (ARONOFF, 1976, p. 43; ARONOFF; ANSHEN, 1998, p. 239). Esse fenômeno foi uma explicação proposta por Aronoff (1976) e Aronoff & Anshen (1998) para justificar lacunas em processos morfológicos produtivos. O bloqueio funciona impedindo que uma nova palavra se forme, caso já exista na língua uma palavra para aquela função. Assim, uma palavra como CAPACITAMENTO será bloqueada por CAPACITAÇÃO, que já existe no léxico do usuário, caso seja um sinônimo exato. Da mesma forma, a palavra TREINAÇÃO será bloqueada por TREINAMENTO. Em ambos os casos, percebe-se que não há restrição na combinação, já que é possível somar *capacita-* e *-mento* e ainda *treina-* e *-ção*. Essas formas, porém, tornam-se inaceitáveis por já existirem outras para bloqueá-las.

Basílio (1980), diferentemente de Aronoff, propõe dois mecanismos diferentes para dar conta do conhecimento do falante no que diz respeito ao vocabulário. Ao contrário de Aronoff, interessado apenas nas formações produtivas, Basílio propõe que as regras que analisam itens lexicais são as Regras de Análise de Estrutura (RAEs), que não se confundem com as RFPs. Assim, se o usuário é capaz de utilizar uma regra na formação de palavras novas então, do mesmo modo, ele faz uso desse conhecimento, que lhe permite analisar essa estrutura (BASÍLIO, 1980, p. 50). A RAE, se não estiver vinculada a uma RFP, permite expressar que um falante pode reconhecer resultados de processos improdutivos.

As siglas são freqüentes no português atual; contudo, o conceito de produtividade focalizado anteriormente não se aplica à morfologia das siglas como se aplica ao restante das formações. Freqüência é um termo ambíguo, ou seja, não só é relativo ao número de vezes em que aparece determinada sigla, mas também à quantidade de siglas que vemos hoje. Freqüência, porém, em qualquer desses significados não pode ser expressa nas regras propostas para o estudo da produtividade. Pode-se observar a freqüência de siglas e constatar que elas surgem nos mais variados contextos, mas também se pode atestar a improdutividade morfológica, retratada no seu processo de formação. Assim, o conceito de freqüência pode ser relacionado à quantidade de uso, mas não a uma previsão quanto à formação de palavras.

A fim de verificar como estas noções poderiam ser aplicadas às siglas, foi necessário organizar um *corpus*. O *corpus* da pesquisa está constituído por 161 (cento e sessenta e uma) siglas. Foi levantado em onze edições de jornais diários brasileiros de grande circulação, a saber, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Folha de São Paulo*; de seis edições da revista semanal *Época*; e de quinze edições da revista semanal *Veja*. A constituição do *corpus* visa a proporcionar um amplo quadro de ocorrências dos diversos tipos de formação. A opção por jornais diários e revistas baseia-se no fato de os jornais exporem diferentes aspectos da vida cotidiana de um indivíduo urbano, como economia, arte, cultura, política, saúde, educação, vida social, religião e as siglas serem freqüentes em todos. Há um outro motivo para essa escolha: havia pouco material para ser recolhido em veículos voltados para públicos mais restritos, como o de revistas femininas ou para adolescentes.

## 2 Resultados

Sandmann (1988) dividiu os acrônimos<sup>2</sup> em três grupos, com base no tipo de formação morfológica e na pronúncia. Chegou, assim, a uma tipologia que pode ser resumida como no Quadro 1.

**Quadro 1** – Tipologia das siglas segundo Sandmann (1988)

| Tipo | Descrição            |                                  | Exemplo   |
|------|----------------------|----------------------------------|---|
|      | Formação             | Pronúncia                        |   |
| 1    | letras iniciais      | soletrada                        | <i>PT</i> ( <b>P</b> artido dos <b>T</b> rabalhadores)  |
| 2    | letras iniciais      | de “palavra normal” <sup>3</sup> | <i>Ibope</i> ( <b>I</b> nstituto <b>B</b> rasileiro de <b>O</b> pinião <b>P</b> ública e <b>E</b> statística) |
| 3    | “palavras silábicas” | de “palavra normal”              | <i>FUNAI</i> ( <b>F</b> undação <b>N</b> acional do <b>I</b> ndio)  |

<sup>2</sup> Sandmann (1988) usa apenas o termo ‘acrônimo’.

<sup>3</sup> As expressões que aparecem entre aspas na tabela foram usadas por Sandmann (1988, p. 147).

A tipologia de Sandmann (1988) baseia-se na noção de forma como unidade de som e significado. Ao contrário, porém, de Sandmann, que uniu tipo de formação e pronúncia no mesmo grupo, neste trabalho para cada tipo só se considera a formação e não a pronúncia.<sup>4</sup> Ao partir de uma proposta de morfologia baseada em lexemas, este trabalho separa ambos os níveis. Esta determinação resultou em seis tipos de formação por meio de critérios estabelecidos com base nas formações encontradas no *corpus*, resumido no *Quadro 2*.

**Quadro 2** – Tipologia das siglas a partir do corpus de Abreu (2004)

| Tipo                                      | Descrição morfológica                       | Exemplo   |
|---|---|---|
| L<br>E<br>T<br>R<br>A<br>S                | letras iniciais para todas as palavras      | <i>TSE</i> ( <b>T</b> ribunal <b>S</b> uperior <b>E</b> leitoral)<br><i>MP</i> ( <b>M</b> inistério <b>P</b> úblico)<br><i>Ibope</i> ( <b>I</b> nstituto <b>B</b> rasileiro de <b>O</b> pinião <b>P</b> ública e <b>E</b> statística) |
| 1<br>I<br>N<br>I<br>C<br>I<br>A<br>I<br>S | a preposição conta como palavra inicial     | <i>Cepal</i> ( <b>C</b> omissão <b>E</b> conômica <b>p</b> ara a <b>A</b> mérica <b>L</b> atina e o <b>C</b> aribe)   |
|   | a preposição não conta como palavra inicial | <i>Onip</i> ( <b>O</b> rganização <b>N</b> acional da <b>I</b> ndústria do <b>P</b> etróleo)  |

(Continua)

<sup>4</sup> Para a pronúncia das siglas, vide BARBOSA; ROSA; GONÇALVES; RESENDE JR (2003).

|   |   |  |
|---|---|--|
| 2 | sílabas iniciais, segmentos de sílabas + radical ou palavra                   | <i>Embrafilme</i> ( <b>E</b> mpresa <b>B</b> rasileira de <b>F</b> ilmes S/A)<br><i>Portobrás</i> (Empresa de <b>P</b> ortos do <b>B</b> rasil)<br><i>Petrobras</i> ( <b>P</b> etróleo <b>B</b> rasileiro S. A.) |
| 3 | letras iniciais ligadas por uma preposição por extenso                        | <i>PC do B</i> ( <b>P</b> artido <b>C</b> omunista <b>d</b> o <b>B</b> rasil)  |
| 4 | letras iniciais + elemento que não se refere a qualquer palavra no intitutivo | <i>Ipea</i> ( <b>I</b> nstituto de <b>E</b> conomia <b>A</b> plicada)  |
| 5 | letras iniciais, mas não de todas as palavras no intitutivo                   | <i>Sobeet</i> ( <b>S</b> ociedade <b>B</b> rasileira de <b>E</b> studos de <b>E</b> mpresas <b>T</b> ransnacionais e da <b>G</b> lobalização <b>E</b> conômica)  |
| 6 | sílabas ou segmentos de sílabas <sup>5</sup>                                  | <i>Detran</i> ( <b>D</b> eartamento de <b>T</b> rânsito)<br><i>Anfavea</i> ( <b>A</b> ssociação <b>N</b> acional dos <b>F</b> abricantes de <b>V</b> eículos <b>A</b> utomotores)                                |

O primeiro tipo reúne letras iniciais de um intitutivo em que a letra inicial de cada palavra do intitutivo foi usada para formar a sigla.<sup>6</sup> Esse procedimento é também o primeiro apontado por Sandmann. Diferentemente de Sandmann, juntam-se neste primeiro grupo as siglas formadas por iniciais que têm a pronúncia de uma palavra normal, como *Ibope*, e ainda, as siglas cuja preposição que aparece no intitutivo conta ou não como letra inicial.

<sup>5</sup> A sílaba que será considerada é a sílaba da palavra-base.

<sup>6</sup> A grafia das siglas tem-se ordenado por meio de alguns procedimentos descritos em gramáticas escolares. Segundo Maria Helena de Moura Neves (2003), o emprego somente de maiúsculas se faz nas siglas com até três letras ou nas siglas em que as letras são pronunciadas separadamente. O uso da inicial maiúscula quando a sigla é pronunciada como uma palavra é rotina no português atual do Brasil. Autores como Nicola & Terra (2001), Hildebrando A. de André (1997) e Roberto Melo Mesquita (1999) também apresentam critérios similares.

- (2) *TSE* ('Tribunal Superior Eleitoral')  
*MP* ('Ministério Público')  
*Ibope* ('Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística')  
*Cepal* ('Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe')  
*Onip* ('Organização Nacional da Indústria do Petróleo')

A junção de letras ou sílabas iniciais a um radical ou a uma palavra da língua constitui o segundo tipo de formação, como exemplificado em (3). Ilustram esse tipo as formações como *Embrafilme* em que as sílabas iniciais das duas primeiras palavras do intitutivo unem-se a palavra *filme*; *Portobrás* em que a palavra *porto* se une à seqüência < *bras* >, e ainda como *Petrobras* em que o radical *petro-* se une à seqüência < *bras* >.

- (3) *Embrafilme* ('Empresa Brasileira de Filmes S/A')  
*Portobrás* ('Empresa de Portos Brasil S/A')  
*Petrobras* ('Petróleo Brasileiro S/A')

Não se encontra comumente uma sigla em cuja formação uma letra ou sílaba seja referente a uma preposição. Esse fato, porém, constitui o terceiro tipo de formação de siglas, em que as letras iniciais são ligadas por uma preposição como em (4).

- (4) *PC do B* ('Partido Comunista do Brasil')

O quarto tipo é aquele em que entra uma letra extra na sigla sem qualquer referência no intitutivo, como em (5) cujo <p> não encontra correspondente no nome da instituição. Incluem-se aqui as siglas que não mudam mesmo com a mudança do intitutivo:

- (5) *Ipea* ('Instituto de Economia Aplicada')  
*MEC* ('Ministério da Educação e do Desporto', outrora "Ministério da Educação e Cultura")  
*CNPq* ('Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico', outrora "Conselho Nacional de Pesquisa")



A reunião de letras iniciais — mas não de todas — das palavras do intitutivo é o quinto tipo de formação, como em (6), em que as duas últimas palavras não são referidas na formação.

(6) *Sobeet* (*Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica*)

O sexto tipo é formado pela reunião de sílabas iniciais dos intitutivos, como em (7) em que a primeira sílaba de cada palavra do intitutivo foi empregada na formação da sigla ou sua formação se deu por segmentos de sílabas agrupados em que houve a combinação de letras iniciais, sílaba inicial e segmento de sílaba.

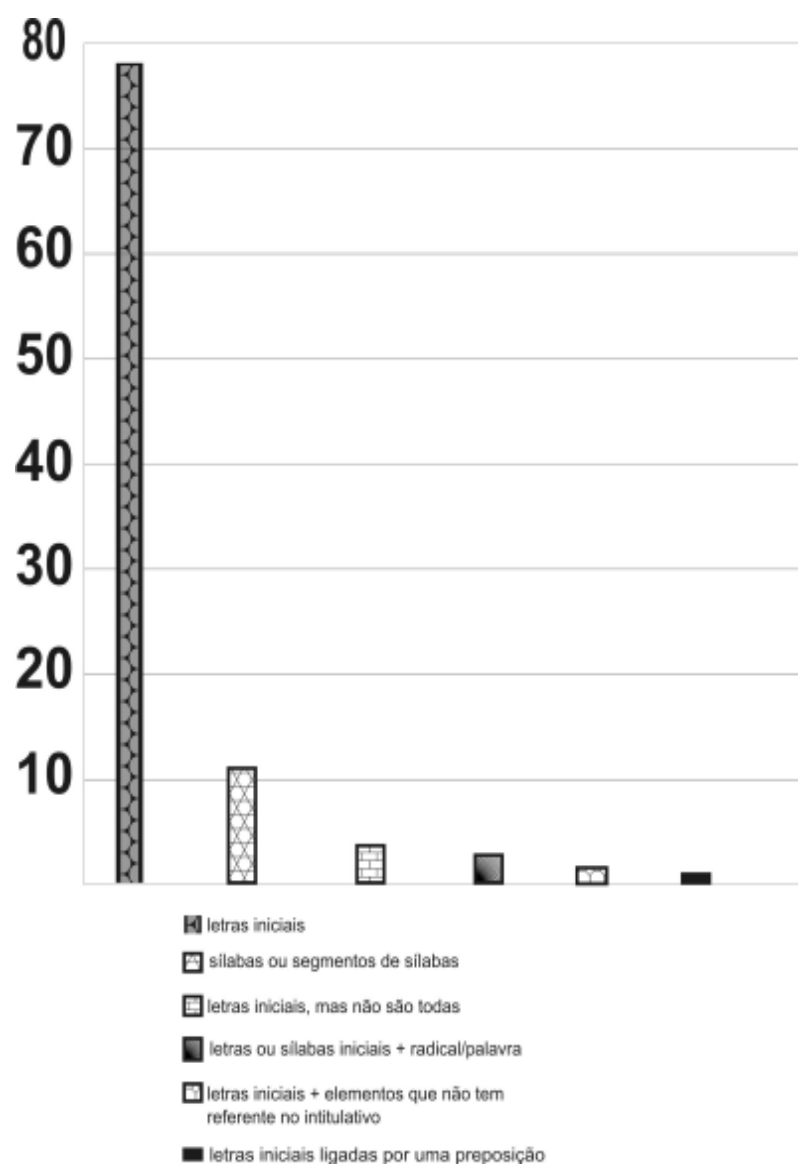
(7) *Detran* (*Departamento de Trânsito*)  
*Anfavea* (*Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores*)  
*Embratur* (*Instituto Brasileiro de Turismo* outrora “*Empresa Brasileira de Turismo*”).<sup>7</sup>

Com base nesta descrição, pode-se verificar que a principal diferença em relação aos três tipos de formação acronímica apontados por Sandmann é que a tipologia foi bastante ampliada.

---

<sup>7</sup> A lei nº 8.181 de 28/03/1991 muda o nome da *EMBRATUR* para *Instituto Brasileiro de Turismo*.

Quadro 3 – Quantitativo de siglas por tipo de formação



As siglas formadas pela reunião das letras iniciais de um intitutivo constituem 77,36 % dos casos.<sup>8</sup> Em segundo lugar estão as siglas formadas pelo processo silábico, abrangendo 11,95 % dos casos. As siglas que contam com as iniciais, mas não com todas, ocupam o terceiro lugar com 4,40 % dos casos. As siglas em que as letras ou sílabas iniciais unem-se a um radical ou a uma palavra ocupam o quarto lugar, com 3,15 % dos casos. Os casos de acréscimo ocupam o quinto lugar com 1,89 % dos exemplos. As siglas formadas por iniciais ligadas por preposição ocupam o sexto lugar com 1,25 % dos casos.

### 3 Discussão

Os quadros 1 e 2 evidenciam o problema do estudo da formação das siglas. Não há possibilidade de mencionar morfemas, pois não há como dividir uma formação acronímica em unidades mínimas de som e significado, já que elas só fazem sentido por seus constituintes sintetizarem um intitutivo. É difícil até mesmo definir qual seria sua *unidade mínima*: em última análise, são as letras do alfabeto. Essa afirmativa, no entanto, não coloca em evidência uma proposta plausível para o estudo. Em uma análise lingüística levar letras em consideração é, no mínimo, desconfortável, uma vez que nenhuma teoria lingüística apresenta um componente ortográfico na descrição de uma língua. No entanto, a pronúncia soletrada ou como sílaba (nos dizeres de Sandmann ‘pronúncia de palavra normal’) e ainda o acento de uma sigla são definidos por parâmetros como número de letras envolvido e sua combinação (Barbosa, Rosa, Gonçalves e Resende Jr., 2003). Isto não implica afirmar que se devessem escolher outros dados da língua para estudo porque siglas não seriam dados estudáveis na morfologia, mas, quando muito, apenas pela fonologia.

A alternativa de levar a análise da formação acronímica para a pronúncia não resolve os problemas, ou melhor, só os aprofunda. <M> *e.g.*, pode ser soletrado [emi], como em *MST* — (‘Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra’), em que o <M> significa ‘Movimento’ — ou ser pronunciado como nasal bilabial [m], como em *MAST* — (‘Movimento dos Agricultores Sem-Terra’), onde

---

<sup>8</sup> Dos 161 casos iniciais foram subtraídos 2, que diziam respeito à *tv*.

também significa ‘Movimento’. Há ainda uma terceira possibilidade: em *MAM*— (‘Museu de Arte Moderna’), o último <M> é pronunciado como a nasalização da vogal anterior.

Em termos morfológicos, os problemas não são menores. A sigla não tem raiz, nem sufixo, nem prefixo e não se pode prever a sigla que surgirá de certo intitutivo, porque podem fazer parte da nova formação, sílabas, pedaços de sílabas e palavras (*vide Quadro 2*). A sigla não apresenta uma base e afixos que possibilitem a comparação entre os elementos formadores em outras ocorrências. Cada formação acronímica é única dentro de um determinado contexto, porque os seus constituintes, apesar de serem sempre os mesmos — em última análise, as letras do alfabeto — assumem em cada formação, um sentido, que é o da palavra completa que lhe serve de referente.

Essas unidades componentes seguem a ordenação ditada pelos constituintes do intitutivo. Em algumas formações, porém, ocorre na sigla o acréscimo ou a supressão de um constituinte do sintagma original, o que complica o quadro dessas formações, ao retirar delas o caráter de seqüência que corresponde a uma formação sintagmática. Na relação sintagmática, cada elemento tem seu lugar específico, e os elementos são unidos seguindo essa ordem, como em (8) em que *gat(o)* é a base, - *inbo* é sufixo diminutivo e -*s* é marca de plural.

(8) *gat(o) + inbo + s*

No caso das siglas, nem sempre se pode relacionar a seqüência de iniciais na sigla e a seqüência do intitutivo. Em algumas siglas, por exemplo, a formação acronímica esperada seria aquela feita sem a supressão de uma letra referente a um elemento do sintagma original e, em outros casos, a formação esperada seria sem o acréscimo de uma letra sem referência no intitutivo, como exemplificado em (9).

(9) *Coaf* (‘Conselho de Controle de Atividades Financeiras’)  
\**CCAF*  
*Anbid* (‘Associação Nacional dos Bancos de Investimento’)  
\**Anbi*

As RFPs e as RAEs não contemplam as siglas. Daí surge mais um problema para a análise. RFPs e RAEs destinam-se a explicitar a produtividade dos processos morfológicos. Se as siglas não podem ser descritas em termos dessas regras, isto é, em termos de processos que indicam previsibilidade, é possível concluir, como fizeram Aronoff e Anshen (1998, p. 246), que esse processo de formação de palavras é improdutivo, embora freqüente.

Formações passíveis de serem descritas por esses dispositivos podem caracterizar processos produtivos. Uma formação produtiva, nos termos da proposta de Basílio, seria descrita em duas regras, RAE e RFP, uma vez que um falante, se é capaz de formar uma nova palavra por meio desse processo, é capaz de compreender uma nova palavra, como em (10).

$$(10) \text{ RFP} \quad \underset{\text{V}}{[\text{falar}]} \rightarrow [ \underset{\text{V}}{[\text{falar}] \quad \underset{\text{N}}{\text{ção}} ]}$$

$$\text{RAE} \quad [ \underset{(\text{V})}{[\text{falar}] \quad \underset{\text{N}}{-ção} ]}$$

Uma formação que não resulta de processo produtivo, mas que pode ser interpretada, seria descrita por uma RAE.

$$(11) \text{ homenzarrão} \quad [ \underset{\text{N}}{[\text{homem}] \quad \underset{\text{N}}{-zarrão} ]}$$

Por outro lado, um vocábulo cuja estrutura interna os falantes não mais percebessem não seria analisado por qualquer dos dois processos, caso de (12) a seguir.

(12) caçoila

A estrutura interna de (12) é opaca, mesmo quando se percebe que pode ser complexa, por se reconhecer alguma semelhança com outros vocábulos, como *moçoila*. Essa semelhança, no entanto, gera incerteza quanto à estrutura. Este caso é o que mais se assemelha ao das siglas.

- (13) *Unijuí* ('Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande Do Sul', coloquialmente 'Universidade de Ijuí')  
*MST* ('Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra')

Em *Unijuí*, em (13), pode-se não perceber que é uma sigla devido à semelhança com nomes indígenas como *Itaguai*, *Jundiá* ou o próprio *Ijuí*. Já em *MST*, pode-se reconhecer que é complexa, uma vez que se reconhece como uma sigla, mas pode-se não saber o que significa.

Quando se depara com uma sigla, o falante-ouvinte não tem condições de analisar se nessa formação cada unidade/letra corresponde a uma palavra ou se, por exemplo, a primeira letra corresponde a uma palavra e as letras restantes unem-se para representar apenas uma palavra ou até se as letras não correspondem integralmente ao intitutivo.

As RAEs de Basílio (1980) poderiam ser propostas apenas para o tipo descrito por Sandmann (1988) em que sílabas ou letras iniciais unem-se a uma palavra da língua ou em que raízes são reconhecidas porque há pelo menos um elemento redundante, como, e.g., '*Embrafilme*' – 'Empresa Brasileira de Filmes', em que o *em* e *bra* (sílabas iniciais) unem-se à palavra *filme*. Nessa estrutura não apenas *filme* é reconhecível, como também o conjunto de sílabas iniciais (*em* e *bra*) são reconhecidas pelo falante-ouvinte. Talvez o usuário não saiba expor com precisão o significado da parte inicial *Embra* – 'Empresa Brasileira', mas certamente tem a idéia de que se trata, ao menos originariamente, de uma empresa estatal, pois os elementos se repetem em *Embratur*, outrora 'Empresa Brasileira de Turismo', atual '*Instituto Brasileiro de Turismo*'; *Embratel*, 'Empresa Brasileira de Telecomunicações'; *Embrapa*, 'Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária'; e assim por diante.

Em geral, o usuário não percebe qualquer redundância na estrutura da maior parte das siglas, ficando impossibilitado de deduzir o significado; por esse motivo não é possível o estabelecimento de uma RAE.

Atente-se para o exemplo a seguir:

(14) “**STF** nega liminar e Delúbio Soares terá de depor para **CPI**” (Folha de São Paulo, 22/05/06)

Essas formações acronímicas não encerram um processo por meio do qual o usuário possa relacionar elementos conhecidos e decifrar o significado. As siglas são formadas de acordo com a intenção do criador e não tomam por base os elementos morfológicos das construções produtivas ou mesmo daquelas cuja estrutura é reconhecível. Daí serem opacas e intencionais. Embora freqüentes.

Até neste ponto o processo é diferente das formações produtivas: no caso das formações de siglas, pode-se postular um bloqueio causado não pela existência de uma outra forma concorrente, como no caso da morfologia produtiva, mas, sim, por uma formação possível, mas inaceitável para os usuários. Decerto existe a necessidade de que essa nova formação acronímica soe bem, ou melhor, de que essa nova formação acronímica deva conjugar som e sentido que se harmonizem com as intenções dos interlocutores, sem criar situações cômicas, embaraçosas ou ambíguas. Caso contrário, essa formação pode ser desprezada, não chegando a se instituir como sigla. O bloqueio nas siglas resulta, portanto, da intencionalidade. Tomem-se dois exemplos. Em primeiro lugar, o da sigla *CONSUNI*, redução de *Conselho Universitário*, que teria sua formação bloqueada pelos usuários caso tivesse sido feita a opção de se formar a sigla pela reunião apenas de letras iniciais. Em segundo, o exemplo das siglas *CRM* (Conselho Regional de Medicina) e *COREME* (‘Comissão de Residência Médica’) em que, para evitar a ambigüidade, já que pertencem à mesma área, optou-se por estratégias diferentes de formação.

### **Conclusão**

A maior parte do vocabulário da língua é constituída por palavras morfológicamente complexas. As palavras novas resultantes de regras produtivas apresentam um significado previsível, em acordo com seus elementos formadores. Com as siglas, nota-se que o procedimento é outro. Existe uma intenção que determina o processo criador, e as siglas se formam para atender a uma vontade do usuário. Diferente do que acontece com as formações morfológicas produtivas, que podem ter sua formação bloqueada pela existência de uma outra

formação na língua com a mesma função, caso a sigla formada não corresponda ao que o usuário tinha em mente, ela é logo descartada, não chegando a se estabelecer. O caráter de arbitrariedade que a reveste a aproxima das palavras primitivas da língua.

As propostas para análise da estrutura das palavras partem de elementos constitutivos que são redundantes na língua. A propriedade de ser redundante — ter som e significado associado que se repete em mais de uma ocorrência — permite que o usuário reconheça um elemento como semelhante a cada vez que se depara com ele. A dificuldade teórica na análise das siglas começa justamente nesse ponto. As siglas são formadas na sua origem por letras que representam palavras as mais variadas e que, por conseguinte, não são redundantes, uma vez que tais letras não têm som e significado associado no interior dessas formações. Na sigla, a letra pode simbolizar elementos diversos, que podem variar não só a cada formação acronímica, mas também no interior de uma mesma formação a cada vez que aparecem. As siglas são diferentes, em última análise, em consequência de sua estrutura interna, não analisável em raízes e afixos. Constituem-se, então, em formações que resultam de processos freqüentes, mas não produtivos, não permitindo sua análise pelo estabelecimento de mecanismos gerais tais quais as Regras de Formação de Palavras, de Aronoff ou pelas Regras de Análise de Estrutura, de Basílio. Ao entrar em contato com uma sigla, o usuário não tem como prever que tipo de estrutura aquela sigla apresenta: pode ter letras iniciais independentes, que se referem a várias palavras do intitutivo; pode ter um grupo de letras que se referem a uma única palavra, mas pode ter também outras diversas possibilidades. Em caso de encontrar na sigla alguma redundância, ainda assim o reconhecimento da estrutura é parcial.

O fato de não apresentarem características da morfologia produtiva, ou seja, o fato de serem formações que se apresentam sem raiz e sem afixos faz com que sejam arbitrárias dentro do contexto do estudo da formação de palavras. Reafirma-se desse modo que não há como estabelecer regras capazes de prever a formação desses nomes, mas padrões gerais que gerarão formas que funcionarão como nomes primitivos. O aspecto da intencionalidade poderá resultar sempre em combinações arbitrárias.



## Agradecimentos

Gostaria de expressar meus agradecimentos às Professoras Maria Carlota Rosa (UFRJ) e Maria Cecília de Magalhães Mollica (UFRJ) pelos comentários.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Kátia Nazareth Moura de. **Um caso de morfologia improdutiva no português do Brasil: a formação de siglas e de acrônimos**. 2004. 87p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. **Gramática ilustrada**. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1997. 495p.

ARONOFF, Mark. **Word Formation in Generative Grammar**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1976. 134p.

\_\_\_\_\_.; ANSHEN, Frank. Morphology and the lexicon: Lexicalization and productivity. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (Eds.) **The handbook of morphology**. Oxford: Blackwell, 1998. p. 236-247.

BARBOSA, Filipe; ROSA, Maria Carlota; GONÇALVES, Carlos Alexandre; RESENDE JR., Fernando Gil. Algoritmo para a leitura de siglas em um sintetizador de voz. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES, 20., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IME e PUC–RJ, 2003. p. 672-675.

BASÍLIO, Margarida. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980. 128p.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. **Dicionário contemporâneo de língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970. 5 v.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. tot. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2.128p.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2.922p.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. 8. ed. ref. e atual. São Paulo: Saraiva, 1999. 608p.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. 2.267p.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Guia de uso do Português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

NICOLA, José de; TERRA, Ernani. **1001 dúvidas de português**. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 288p.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. 2. ed. Paraná: Ed. da UFPR, 1996. 185p.